

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO**

MANUELA FERREIRA MARTINS

ALBERTINA - UM RETRATO CULTURAL DO MORRO

**SÃO PAULO
2º SEMESTRE 2019**

MANUELA FERREIRA MARTINS

ALBERTINA- UM RETRATO CULTURAL DO MORRO

Relatório final do TCC II (Trabalho de Conclusão de Curso) apresentado ao Curso de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie para a obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Sr. Prof. Dr. José Alves Trigo.

SÃO PAULO
2º SEMESTRE 2019

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor.

Dedico este trabalho para o garoto de 8 anos que apareceu com um propósito maior em uma noite inesperada. Trouxe para mim a relação de proximidade, a qual me fez enxergar o que eu poderia fazer por aqueles ao meu redor, na realidade a qual eu não pertencia.

AGRADECIMENTOS

À minha família, que são os pilares da base que me sustenta, obrigada pelo apoio incondicional e compreensão em um momento tão difícil.

Aos meus amigos por terem tido paciência e me incentivarem, acreditando em mim quando eu mesma pensei não ser capaz. Por cada suporte, cada gesto de carinho e pequenos atos que se tornaram gigantes e necessários para me fazer continuar.

Ao meu melhor amigo Caio Ferraro, por ter dividido cafés e madrugadas na busca de ideias.

À Maria Clara, que foi fundamental para a revisão de texto, já que tem um olhar clínico e nasceu para ser jornalista.

Às minhas amigas e companheiras de curso Marianas, Daniela, Júlia e Gabriela por compartilharem do mesmo sofrimento e sempre impulsionar umas às outras.

Ao meu amigo Jung por aguentar minhas crises, ter a capacidade de me acalmar e motivar.

Aos meus novos amigos Averaldo Nunes, João Vitor, Valéria Mendes, Renata Bianchi, Patrícia Bezerra, Camila de Jesus, Tatiana e Talita Silva, Marcelo Paixão, Ariosvaldo Barbosa e Rômulo Camargos, que confiaram a mim suas memórias. Sem vocês, nada disso seria possível.

Ao meu grande amigo João, sem o seu contato e vivência, eu nunca teria escrito este livro. Seu brilho e sua capacidade de sempre enxergar potencial em mim foram o que contribuíram para o meu trabalho e minha experiência como pessoa.

Ao meu diagramador Bruno Leão, que fez um trabalho artístico incrível.

Ao meu orientador José Alves Trigo, por todo o suporte.

Em especial a Diemilson Lopes Santos Júnior, por ter me dado esta inspiração sem nem ao menos saber.

*Do povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas
Da força da grana que ergue e destrói coisas belas
Da feia fumaça que sobe, apagando as estrelas
Eu vejo surgir teus poetas de campos, espaços
Tuas oficinas de florestas, teus deuses da chuva
Pan-Américas de Áfricas utópicas, túmulo do samba
Mais possível novo quilombo de Zumbi
E os Novos Baianos passeiam na tua garoa
E novos baianos te podem curtir numa boa*

- Sampa, Caetano Veloso.

RESUMO

Haja vista que a desigualdade social é um fenômeno que abrange principalmente os países subdesenvolvidos, o Brasil ocupa o 9º lugar no ranking global de desigualdade econômica. Abrangendo o quesito das comunidades, o enredo do livro vigente se passa na comunidade da Vila Albertina, no Morro do Piolho, zona norte de São Paulo. Diferentemente de outras abordagens midiáticas em que se espera notícias sobre tráfico de drogas, pobreza, balas perdidas, criminalidade e abusos de autoridade policial, este livro retrata alguns comércios e ações sociais da região, humanizando seus moradores e não apenas incluindo-os em números e estatísticas. Desde a história do bairro contada pelo morador mais antigo Averaldo Nunes, à ação social promovida pelo Instituto Projetando Sonhos de João Vitor Pego, o restaurante mais conhecido que começou de uma caixa térmica de Ari Barbosa, os cabelos mais procurados na barbearia de Marcelo Paixão da rua principal de comércios até o time de futebol do coração do bairro coordenado por Tatiana Silva, o livro faz um resgate cultural do bairro da Vila Albertina.

Palavras-chave: Vila Albertina; Morro do Piolho; Comunidade; Periferia; Humanizado; Cultura.

ABSTRACT

Given that social inequality is a phenomenon that mainly covers underdeveloped countries, Brazil ranks 9th in the global ranking of economic inequality. Covering the issue of communities, the plot of the current book takes place in the community of Vila Albertina, in Morro do Piolho, north of São Paulo. Unlike other media approaches where news is expected about drug trafficking, poverty, stray bullets, crime and police abuse, this book portrays some of the region's trades and social actions, humanizing its residents and not just including them in numbers and Statistics. From the history of the neighborhood told by the oldest resident Averaldo Nunes, to the social action promoted by the Projecting Dreams Institute of João Vitor Pego, the best known restaurant that started from an Ari Barbosa thermal box, the most sought after hair in Marcelo Paixão da Barbershop. main street of commerce until the soccer team of the heart of the neighborhood coordinated by Tatiana Silva, the book makes a cultural rescue of the neighborhood of Vila Albertina.

Keywords: Vila Albertina; Morro do Piolho; Community; Periphery; Humanized; Culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. REFERENCIAL TEÓRICO	
1.1 Desigualdade social	13
1.2 Representação midiática das favelas	14
1.3 O livro reportagem	15
1.4 Jornalismo literário	16
1.5 Jornalismo humanizado	17
2. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA	
2.1 Estilo e linguagem da peça	18
2.2 Fontes	19
2.3 Capítulos	20
2.4 Fotos	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24
ANEXOS	26
APÊNDICES	27

INTRODUÇÃO

A Vila Albertina é um bairro da zona norte de São Paulo, dentro do Distrito do Tremembé. Está a 17 quilômetros do centro da capital e destaca-se pelo clima de cidade do interior com densas áreas verdes, habitada por 25 mil pessoas. A região do Tremembé é emblemática por causa de sua antiga linha de trem *Tramway da Cantareira* imortalizada na canção *Trem das Onze* de Adoniran Barbosa. Constituída por grandes fazendas, em 1910 iniciaram-se os loteamentos do bairro e, devido à localização próximo a Serra da Cantareira e áreas de mananciais, seu terreno foi propício à grandes invasões por famílias que ali se estruturaram devido ao baixo custo do terreno.

Este trabalho consiste em um livro-reportagem que visa destacar a cultura na periferia da Vila Albertina, no *Morro do Piolho*. De caráter social, consta em uma abordagem que evidencia a realidade oculta nas mídias de milhares de famílias que migraram para o bairro periférico por conta do baixo poder aquisitivo, pouco difundido na sociedade. Como um contraste social, é evidente a divisão de classes na região, separada por casas nobres e aglomerados subnormais¹.

A desigualdade social é um fenômeno fortemente presente na realidade brasileira, em que ocorre a distribuição desigual de renda, existente principalmente em países não desenvolvidos. De acordo com a Oxfam Brasil², na edição de 2018 em seu relatório *País estagnado: um retrato das desigualdades brasileiras*, aponta que o Brasil é o 9º país do ranking global de desigualdade econômica. Segundo o Censo 2010 do IBGE³, que é realizado de dez em dez anos, cerca de 11,4 milhões de pessoas moram em zonas periféricas.

A desigualdade criou uma mancha de preconceito, relacionada também ao racismo, não se trata apenas de renda, mas sim de representatividade na sociedade.

¹ Aglomerados subnormais - termo usado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para referir-se à assentamentos irregulares, conhecido como favelas.

² Oxfam Brasil - órgão não governamental integrante do movimento global contra a pobreza.

³ IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística que realiza coleta e análises de dados de estatísticas,

Cabível ao papel midiático, o estereótipo ainda toma conta e engessa cada vez mais sua barreira.

Em uma análise do conteúdo midiático realizada durante seis meses pelo projeto *Mídia e Favela - Levantamento de veículos de comunicação alternativa em favelas e espaços populares* de 2012, do Observatório de Favelas⁴, os jornais O Globo, Extra e Meia-Hora, foram monitorados diariamente em relação ao seu conteúdo. Concluiu-se que, violência, criminalidade e drogas, foram os temas predominantes nas abordagens jornalísticas destes terrenos e, das 105 matérias analisadas, não surgiram assuntos como educação, política, saúde e ciência.

Com base nas informações anteriores, a pergunta-problema que desencadeou o embasamento do trabalho vigente é: de que forma o jornalismo e o livro reportagem podem dar visibilidade à comunidade da Vila Albertina culturalmente?

Como objetivo primário embasa-se a realização de um livro-reportagem capaz de gerar identificação, estabelecer uma relação de proximidade entre mídia e favela, que acabou por ser fragmentada devido sua forma de abordagem. Primordialmente, retratar de forma sociocultural o cotidiano na periferia, indo além de estatísticas, humanizando seus moradores. Como objetivo secundário, destaca-se personagens que preenchem a amplitude do tema de forma concisa e suficiente, responsáveis por gerar tal identificação dos moradores de comunidades e também a forte presença de migrantes brasileiros.

Em jornalismo, aprende-se a enxergar o mundo do outro com cuidado, já que carrega-se o importante papel de representar uma realidade que muitas vezes não lhe pertence. Aprende-se a observar com olhos clínicos, uma beleza muitas vezes imperceptível, única e relevante. Cria-se a consciência de que uma história é composta por dois lados e, na corda bamba, deve-se permanecer o equilíbrio.

Sendo assim, ao ser astuto em identificar um problema e tentar resolvê-lo, acredito que seja importante jogar holofotes sobre a escuridão. Ao perceber, que

⁴ Observatório de Favelas - organização dedicada à produção do conhecimento e de proposições políticas sobre favelas e fenômenos urbanos.

este trabalho se encaixa nos termos de proximidade e relevância de uma pauta jornalística, principalmente relacionado ao bairro em que fora realizado, o exclusivo já é um patamar garantido. Tive muita dificuldade em achar materiais sobre a Vila Albertina, é incompleto quando há. Desta forma, os personagens entrevistados, tendem a agregar conhecimento não só para os moradores, como também aos interessados pelo tema, já que nenhum material sociocultural fora encontrado em específico deste bairro.

Vale ressaltar que, a questão da desigualdade é um problema enraizado no país desde a época do Brasil Colônia, em que sofreu uma modernização atropelada e deixou graves sequelas na população que mal conseguiu se recuperar. A Vila Albertina foi propensa à invasões devido sua larga extensão de áreas verdes, pelo fato de ser no pé da Serra da Cantareira, sendo assim também um trabalho de caráter histórico.

Como base para a realização da peça, esta fundamenta-se no livro de Eduardo Galeano *Veias Abertas da América Latina*, para compreender melhor o processo de colonização, que como dito acima, foi um dos principais colaboradores para o desenvolvimento da desigualdade. Para complementar o aprofundamento da origem do problema em questão destaca-se também o livro de Marta Arretche, *Trajetórias das Desigualdades*. Além de contar com os artigos *Caleidoscópio urbano* de Suzana Taschner e Lucia Bógus, *Segregação urbana e desigualdade social* de Flávio Villaça, *Favelas em São Paulo – censos, consensos e contra-sensos* de Suzana Pasternak e *Favelas e dinâmicas das cidades brasileiras* de Daniel da Mata, Somik Lall e Hyoung Gun Wang. Como parte da análise midiática, o *Levantamento de Mídia Alternativa* do Observatório de Favelas. Também servirá de recursos censos da Prefeitura de São Paulo, estatísticas do IBGE e do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). O livro *A Cidade do Paraíso* de Vagner de Alencar e Bruna Belazi serviu como inspiração para o contexto e o *Holocausto Brasileiro* de Daniela Arbex como design do livro e escrita.

O livro tem como abertura uma breve história sobre o surgimento do bairro por seu morador mais antigo Averaldo Nunes, destaca os mecanismos do Morro

promovidos pela comunidade, altamente culturais e integradores como por exemplo o *Instituto Projetando Sonhos* de incentivo à arte por João Vitor Pego, a escola de samba *Tradição Albertinense* presidida por Rômulo Camargos, o time de futebol *Unidos do Morro* dirigido por Tatiana Silva e seu campo conhecido como lixão⁵ e comércios importantes da região frutos de sonhos pessoais de Ariosvaldo Barbosa e Marcelo Paixão.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Desigualdade social

A desigualdade social é um fenômeno mundial presente principalmente em países subdesenvolvidos. No Brasil, se deu desde os tempos da colonização feita por Portugal, que explorava os recursos do país e seus nativos, divididos entre senhores e escravos. Após o período de escravidão, por volta de 1930, a produção agrícola expandiu-se e deu abertura para a industrialização do país. Com a implementação do capitalismo e a desvalorização da mão de obra, a desigualdade foi disseminada, deixando ricos cada vez mais ricos e pobres cada vez mais pobres.

Para Galeano (1978, p.175) “o desenvolvimento é um banquete com poucos convidados, embora seus resplendores enganem, e os pratos principais estão reservados às mandíbulas estrangeiras”. Pelo fato das indústrias terem se instalado em cidades como São Paulo, muitos migrantes vieram à cidade, que acabou por gerar o êxodo rural⁶. Para ele,

A industrialização “satelitizada” tem um caráter excludente: as massas multiplicam-se num ritmo vertiginoso, nesta região que ostenta o mais alto índice de crescimento demográfico do planeta, porém o desenvolvimento do capitalismo dependente - uma viagem com mais naufragos do que navegantes - marginaliza muito mais gente do que a que é capaz de integrar.

Sendo assim, aumenta-se as populações marginais que se contentam com os baixos salários pagos e a produtividade ganha em cima disso com a redução da mão

⁵ Lixão - aterro sanitário desativado e hoje campo de futebol.

⁶ Êxodo rural - termo que designa a migração das áreas rurais para centros urbanos em busca de melhores condições de vida .

de obra e dos direitos trabalhistas. De acordo com Comin (2015), a condição de vida miserável dos trabalhadores rurais foram supridas quando comparadas nas ocupações urbanas, que gerou a migração campo-cidade. Mas, para Galeano, além da marginalização, gerou também a exclusão social

Enquanto isto, o sistema opta por esconder o lixo debaixo do tapete. Vai varrendo, a ponta de metralhadora, as favelas dos morros e as villas miseria da capital federal; joga os marginalizados, aos milhares e milhares, longe da vista. Rio de Janeiro e Buenos Aires escamoteiam o espetáculo de miséria que o sistema produz: logo não se verá mais do que a mastigação da prosperidade, porém não seus excrementos, nestas cidades onde se dilapida a riqueza que Brasil e Argentina, inteiros, criam. (p. 176)

Ao que parece, quanto mais um país se desenvolve, mais desequilíbrio se cria entre a população, o que era para gerar um crescimento igualitário e de bem comum, dissemina ainda mais a pobreza e a divisão de classes sociais. O sistema deixa ao relento quem não souber acompanhar seu ritmo, vomita homens e os deixa pobre por causa de seu solo tão rico (GALEANO, 1978, p. 187).

Para Taschner e Bógus (2001, p. 43), a desigualdade também está atrelada à Revolução Industrial, que dividiu a moradia de burguesia e operariado, onde ricos ficam na área central e a pobreza é empurrada para zonas periféricas. Diante de uma metrópole globalizada com avanços tecnológicos, há uma crescente polarização social, em que “se expressa nos níveis muito desiguais de renda, educação formal e qualificação profissional e reflete de várias formas nos espaços da cidade”.

1.2 Representação midiática das favelas

Cabe ao jornalista o papel de recortar o pedaço da realidade que deseja transmitir, desde que aja de forma imparcial de ambos os lados, porém, nem sempre é isso o que acontece. Com excesso de julgamentos e adjetivações, a mídia se demonstra um tanto quanto racista e engessada nas distribuições de suas manchetes. Atrelada ao tráfico de drogas e criminalidade, a favela é abordada na mídia de forma estereotipada, assim como aponta Rocha (2016)

O enquadramento da favela aparece nas mídias como local de criminalidade e divide espaço com o enquadramento higienista, uma visão dos morros

como um duplo problema, policial e sanitário, que persistirá ao longo do século (p. 3)

Como exemplo deste caso, no dia 10 de Outubro de 2019, o veículo impresso *Folha de São Paulo*, retratou as diferentes formas de abordagem no uso de seus adjetivos. Como manchete a notícia dizia “Polícia descobre ponto de distribuição de drogas em bairro nobre de SP”. Em análise, pelo fato de ser em um bairro nobre, o ponto de droga não é chamado de biqueira ou boca de fumo, como apareceria se fosse descoberto na favela. Não são chamados de traficantes, mas sim suspeitos, pelo fato de terem a cor da pele branca. Uma operação que não deixa mortos, se fosse na favela haveriam balas perdidas até em crianças.

Para Traquina (2013, p.15) “a mídia pode não dizer às pessoas como pensar sobre os assuntos, mas são bem sucedidos ao dizer às pessoas no que pensar”. Desta forma, ela quem decide através de sua pauta e critérios de noticiabilidade o que deve ser noticiado. Porém, é na mídia também que se alarmam problemas e se esquecem dos mesmos instantes depois.

Como em qualquer lugar do mundo, crimes em pontos turísticos têm maior repercussão. Mas, no Dendê, mães choram a morte de seus filhos em ação da polícia e esperam que o caso não caia no esquecimento. (EXTRA Apud FERRO, 2015)

Em uma análise realizada por Ferro (2016) em dois veículos que noticiaram o caso de dois assassinatos no Morro do Dendê, o jornal *O Globo* e *Jornal Extra* foram bem distintos para a mesma notícia. Enquanto o primeiro deu um caráter humanizado em sua manchete para o suspeito do assassinato, o segundo adotou um viés incriminatório. Portanto, além de ser retratado midiaticamente somente a criminalidade nas favelas, os adjetivos reforçam o preconceito e o racismo presente nas abordagens midiáticas.

1.3 O livro-reportagem

Viver de jornalismo impresso no Brasil se torna cada dia mais instável, pelo fato do meio estar demitindo em massa e ser um mercado em crise por conta das mídias digitais. Mas, é no impresso como o livro-reportagem, que se encontram as raízes jornalísticas e onde se pode ter uma maior liberdade de retratação.

Diante de um mercado em que é preciso saber se reinventar a cada dia, o trabalho autoral de um jornalista muitas vezes é questionado quando se trata de visibilidade. Mas, para Maciel e Rocha (2016, p. 99), “esse é justamente um dos principais fatores motivadores para os jornalistas-autores dedicarem-se a investigar temas e personagens e narrá-los de forma mais ampla e contextualizada”. Pontuam que

Se aproveitar essas novas condições para refletir a respeito da importância do seu trabalho, é capaz de chegar a temas pouco abordados, coletar depoimentos significativos e narrar a contemporaneidade com mais acuidade. Isso porque irá observar o cotidiano de uma perspectiva menos afetada por convenções tradicionais da profissão, como os limites do espaço e do tempo para a produção da sua grande reportagem

Pelo fato do jornalismo impresso ser mais explicativo do que outros meios, ir além da liberdade de escrita e de temas inéditos, para Silva e Costa (2017, p. 14) ele também é mais maleável do que a imprensa regular, com uma narrativa que não necessita ser padronizada e “oferece alternativas complementares às reportagens”.

Segundo Brum (2008, p.39)

Só tem graça ser repórter quando nos entregamos à reportagem e deixamos que ela nos transforme. Se um dia eu voltar a mesma de uma viagem para o Amapá ou para a periferia de São Paulo, abandono a profissão”

Como ser jornalista já significa ser um aspirante à mudanças e causas, a escolha da peça como livro-reportagem faz jus ao quesito de transformação social e liberdade de escrita proposta por mim para melhor retratar a realidade que escolhi. Assim como o sonho de quase todo jornalista voltado ao impresso é escrever seu próprio livro, é no livro-reportagem que o instinto de jornalista repórter é aguçado.

1.4 Jornalismo literário

Como o livro-reportagem é então uma forma mais densa de narrar histórias e contar detalhes, é preciso uma linguagem consistente e simples ao mesmo tempo para que seja possível uma amarração da leitura agradável ao leitor.

Para Pena (2005, p. 6), o jornalismo literário está muito além de fugir das amarras da redação ou exercitar apenas a veia jornalística em um livro-reportagem, de acordo com ele

Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos

Portanto, como criação própria do autor, menciona uma estrela de sete pontas, devido ao fato de ter sete itens imprescindíveis que juntos, formam um conjunto “harmônico e místico”. Desta forma, o jornalismo literário não se trata de ignorar o que aprendeu diariamente nem excluir suas narrativas, mas sim devolvê-las como forma de novas estratégias profissionais, reforçando sempre uma apuração rigorosa, com ética e clareza nas palavras.

Para Fontana (2006, p.328) a “predição, pressentimento, obsessão, recordação, flashback, motivações psicológicas, extensas descrições e reprodução detalhada de diálogos” são algumas das características que o jornalismo literário adquire do caráter de ficção, sendo assim uma forma sucinta de abordar um tema.

1.5 Jornalismo Humanizado

Além do jornalista ter uma escrita clara, uma pauta relevante que desperte curiosidade, ele tem que saber tocar seus leitores. É preciso estar atento a todos os detalhes que seriam descartados por outras pessoas, é preciso um relato minucioso e reflexivo, para despertar a consciência sobre o assunto.

O fazer jornalístico como processo de significação e resignificação exige observação/percepção, reflexão e expressão de mundo. Por isso, os jornalistas devem ir além do “dar a notícia” para compreender os fenômenos sociais e compartilhar esta compreensão. Assim, o fazer jornalístico supõe a busca da essência das ações humanas contidas nos fenômenos sociais. O jornalismo humanizado, portanto, não se propõe apenas a produzir textos diferenciados, com linguagem que usufrui dos recursos da literatura, que valoriza personagens. Mais que isso, busca a essência das ações humanas – é um olhar, uma perspectiva, um ponto de partida diferenciado. (ALVES; SEBRIAN, apud BRAGHINI e LÜERSEN 2014, p.11)

É com base nas ações humanas como citada pelo autor acima, que o livro vigente tenta resgatar de forma cultural a Vila Albertina, através do jornalismo

humanizado sensibilizar mais pessoas e quebrar o estereótipo midiático que acaba por não representar toda a população. Ijum (2014, p.14) retrata o jornalismo humanizado de forma mais profunda, começando de dentro dos jornalistas

O jornalismo humanizado produz narrativas em que o ser humano é o ponto de partida e de chegada, o que supõe que este fazer começa antes da pauta, na consciência do ser jornalista. Dessa forma, sua busca envolve a compreensão das ações dos sujeitos da comunicação – é a expressão dos sentidos da consciência. Na procura da essência dos fenômenos, atribui-lhe significados, os sentidos, para proporcionar ao público, mais que a explicação, a compreensão das ações humanas

Portanto, é no jornalismo humanizado que está o sentido de ser jornalista: a compreensão humana. Além de estabelecer o entendimento para com o outro, é também a cada dia uma descoberta pessoal, de que pouquinho em pouquinho, podemos sim transformar o pequeno mundo do nosso cotidiano.

2. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA

2.1 Estilo e linguagem da peça

A escolha da peça como livro-reportagem foi primeiramente uma realização como jornalista e pessoa, sempre gostei de escrever e meu sonho era elaborar um livro, não queria sair da faculdade sem ter a oportunidade de escrever um. Desta forma, acredito que a escrita acompanhada de fotos possa impactar mais do que o audiovisual em si. Através do livro-reportagem, consegui produzir um material dinâmico, que conseguiu cumprir com seu objetivo de cunho social em representar a vida na periferia em seu âmbito cultural.

Através da linguagem literária, de forma sucinta e descritiva consegui transmitir a mensagem que queria, mas não abordei de fato tudo o que imaginava devido à amplitude do tema. Porém a escolha deste tipo de linguagem foi justamente para mesclar um pouco da minha própria escrita com a minha escrita de jornalista.

A questão do jornalismo humanizado serviu como forma de dar um rosto às pessoas da comunidade, que são vistas somente como criminosos ou considerados

apenas números em estatísticas, que possa servir como forma de sensibilizar e quebrar expectativas de leitores no final do livro para cumprir com seu objetivo final.

2.2 Fontes

A ideia inicial era entrevistar 12 pessoas para o livro ficar do jeito que eu queria e achar que ele está completo. Porém, um problema de saúde acabou atrasando todo meu cronograma para a realização deste livro. No meu bairro, fui um dos primeiros casos de Sarampo e, como não sabiam muito como lidar com a volta da doença no Brasil, as enfermeiras não sabiam o que fazer comigo, então me deixaram um mês isolada em casa, no período das férias de Julho, mês que eu iria realizar todas as entrevistas.

Após este infortúnio, tive pouco tempo para produzir. Como já havia pesquisado alguns projetos sociais e o pouco da história da Vila Albertina que está disponível na internet, comecei a fazer os contatos. O *Instituto Projetando Sonhos* foi o primeiro a me responder, através dele que tive a luz de todo o meu projeto. João Vitor Pego, o fundador, me ajudou com a maioria das fontes, me indicou o Averaldo Nunes, que é quem conta a história do bairro, a professora de dança Renata Bianchi que dá aula no Instituto, a aluna Valéria Mendes, Patrícia Bezerra e Camila de Jesus como integrantes do projeto.

Pelo contato feito através do facebook, Rômulo Camargos diretor da escola de samba *Tradição Albertinense* e Tatiana Silva coordenadora do time de futebol *Unidos do Morro* aceitaram meu convite para participar do trabalho. A *Fundação Gol de Letra* também foi contatada, mas por conflito de horários, não pôde participar.

Subi o morro para dar uma olhada nos comércios que tinham ali, e como a maioria eram igrejas e mercados, bati na porta do restaurante do Ariosvaldo Barbosa, mais conhecido como *Ari do Caldo* e da barbearia de Marcelo Paixão, mais conhecido como *Bahia Hair Style*.

Como ideia de última hora, depois imaginei que seria legal retratar as mulheres que dirigem ônibus no bairro, pelo fato de serem ruas pequenas onde um

ônibus passa por vez. Contatei três motoristas, sem sorte, nenhuma delas quis me dar entrevista.

2.3 Capítulos

Tendo como inspiração o design do livro *Holocausto Brasileiro* de Daniela Arbex, a peça vigente é baseada nas cores preto e amarelo. As aberturas dos capítulos contam sempre com uma foto do personagem do lado esquerdo e do lado direito com letra branca e fundo preto o nome do capítulo, atrás deste lado escrito, está uma página chamuscada em preto como um diferencial. Em todos os capítulos, eu tento dar meu toque pessoal de texto, fazendo sempre comparações iniciais que se conectam com o personagem novamente no final do capítulo.

Inicialmente, se eu tivesse todas as entrevistas, o capítulo de abertura seria o da motorista mulher para explicar todo o trajeto até o bairro, retratar como é dirigir em ruas estreitas. Porém, meu primeiro capítulo é sobre Nunes, um dos moradores mais antigos que assistiu a transformação da Vila e tem o único blog da região chamado *esmaga sapo*, responsável pela história do bairro.

O segundo capítulo aborda o trabalho social de João Vitor no Instituto Projetando Sonhos, precedido pelo capítulo três de sua funcionária Renata que retrata as transformações que realizou como professora no projeto.

No capítulo quatro, a história do baiano Ari do Caldo conta como conseguiu abrir seu próprio restaurante somente vendendo caldos na caixa térmica subindo morro acima e abaixo todos os dias.

Já o capítulo cinco, trata-se da forte presença do samba no morro e como ele foi importante para a vida de Rômulo para não se desvirtuar em meio a tantos caminhos errados. Hoje, vice-presidente da escola, vive exclusivamente para o carnaval.

No capítulo seis, a cultura física dos jovens da comunidade é mostrada a partir dos cortes de cabelo mais pedidos pelas mão de Bahia Hair Style, abordando junto a história de vida do menino de apenas 22 anos.

O capítulo sete abrange duas histórias: a do time de futebol do bairro e de Tatiana Silva, que viveram o mesmo jogo. E para finalizar, o oitavo capítulo aborda a questão das favelas nas mídias e o porquê é importante despertar a consciência de que há vida nas comunidades.

2.4 Fotos

Como quase todos os livros-reportagem, as fotos servem como forma de imersão naquela realidade, como forma de aproximar o leitor. A escolha intencional de não mostrar muito as ruas da comunidade, vielas e casas foi por dois motivos: câmeras não costumam ser bem-vindas na periferia e em lugar nenhum quando você não sabe o destino das fotos; se eu focasse nestes aspectos, eu não iria sair do estereótipo, quis que meu livro fosse diferente. Retraturei os personagens em seu ambiente da entrevista, não os posicionei e nem estruturei as fotos. No primeiro capítulo, o senhor Nunes não conseguiu marcar um reencontro comigo para fazer uma foto devido uma complicação hospitalar que o deixou indisposto por meses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este livro nasceu de uma ideia secundária de forma inesperada, no dia 25 de Dezembro de 2018. No Natal resolvi me aventurar fora do conforto em família e além da janela do meu quarto, decidi experimentar a comemoração do nascimento do menino Jesus do alto do Morro do Piolho. Inicialmente, meu Trabalho de Conclusão de Curso era retratar o trabalho voluntário na Cruz Vermelha Brasileira, pelo fato das ações voluntárias terem decaído no país, que se apresentou solidário durante muitos anos.

Tudo estava pronto, eu faria um documentário expositivo para retratar o tema. Mas, após novas amizades, conheci o Diemilson Júnior, um garoto de 8 anos que me fez mudar tudo da noite para o dia sem nem pensar duas vezes. O garoto é o homem da casa, de manhã estuda na Fundação Gol de Letra e a tarde trabalha informalmente em um hipermercado no bairro. Auxilia pessoas com as compras até o carro em troca de uma gorjeta para poder comprar leite e fralda para sua irmã

recém-nascida, já que é o mais velho entre os 4 irmãos. Também vendia chocolates e capinha para celular, até ser denunciado no Conselho Tutelar e encerrar suas atividades. Filho de uma usuária, vieram da Praia Grande, sua mãe era cuidadora de idosos, até perder o emprego e depender do dinheiro que o filho conseguia.

Tive que fazer tudo de novo, parecia loucura ter que realizar todas as pesquisas e escrever este trabalhoso relatório, mas o meu coração deixava rastros para que eu pudesse segui-lo. E é com toda a certeza do mundo que eu digo: valeu a pena!

Realizar este trabalho foi engrandecedor como pessoa e como jornalista. Me descabelei muitas vezes por estar sozinha e não ter a quem recorrer que entendesse do assunto, é uma responsabilidade muito grande. Batia a ansiedade, a falta de confiança, o desespero, a realização, depois o medo de novo e por aí vai a louca saga do TCC. Mas, mais do que isso, aprendi que: eu sou jornalista.

Me senti um shark sem barbatanas, um mackenzista sem panini. Me senti jogada em um mundo que não sabia o que fazer, nem por onde começar, parecia que a responsabilidade de ter um diploma só havia batido na porta naquele instante. O mais engraçado agora é olhar para trás e ver todo o flashback que se passou na minha cabeça nestes quatro anos de curso. Lembro que quando estava em prantos, memórias de alguns professores vinham à minha mente e eu lembrava sempre do que precisava, fosse um enquadramento de câmera, uma técnica de entrevista, a ética necessária, a imparcialidade e até mesmo a serifa da letra que eu escolhi para o texto.

Mais do que um diploma de uma profissão, este curso me deu diferentes visões de mundo, o qual sou muito grata por poder alcançar vãos tão distantes. O jornalismo realmente tem o poder de mudar o mundo e é por isso que escolhi essa profissão e tive a sorte de ser mudada por ela. Agradeço a todos os nortes e horizontes que o curso me proporcionou como crescimento pessoal e profissional.

A palavra que define este livro é: realização. Foi um privilégio poder ter conhecido pessoas tão incríveis e acolhedoras que fizeram de suas histórias, a

minha. Conhecer a cultura do outro foi instigante e por isso aposto nela como forma de mudar este país tão discriminador em que vivemos.

Através do jornalismo literário e humanizado, acredito que foi possível transmitir a mensagem que queria, dar vida e cor às pessoas da comunidade que me receberam tão bem e conseguir escrever a história de cada uma delas como se eu estivesse lá. Como jornalista, foi engrandecedor receber os feedbacks dos personagens ao lerem suas próprias histórias, ao mesmo tempo que é estranho compartilhar o jeito de escrever, me senti num papel fundamental capaz de representar pessoas apenas ouvindo-as.

Todo o material de apoio usado como referencial teórico e de metodologia foram totalmente necessários para me situar melhor sobre os assuntos, desde entender como se deu a desigualdade social no país e por quê ela está tão presente, até entender quando a mídia adquiriu um papel de divisor de águas na sociedade e passou a ser racista.

Aprendi que ser jornalista é ser aventureiro, é abraçar causas, é não julgar, é observar, é estudar, é se informar. Sai do conforto da minha janela para me aventurar nas vielas do Morro e entender como a curiosidade me fez entender e representar a cultura periférica.

Realizei todas as entrevistas e as fotos dos personagens sozinha, tive ajuda do meu pai André e do meu tio Felipe para fazer as fotos com o drone do alto da favela, para usar na capa. As fotos foram feitas duas vezes devido uma falha técnica de um link que expirou as fotos. Surtei, achei que depois do sarampo nada mais me abalaria, mas fizemos de novo e no fim deu tudo certo.

Me sinto realizada pois acredito que cumpri com meu objetivo principal: a pergunta problema. Acredito que meu livro responde por si só como ele retrata a cultura na Vila Albertina através dos olhos do jornalismo não estereotipado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRETCHE, Marta. **Trajetórias da desigualdade: como o Brasil mudou nos últimos 50 anos**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

BRUM, Eliane. **O olho da rua**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2008.

COSTA, Daniel. SILVA, Fernando. **O conceito de “Livro Reportagem”:** **subsistema jornalístico e suporte editorial**. Belo Horizonte: CEFET, 2017.

FERRO, Maurício. **Racismo na mídia: um estudo da cobertura midiática nas mortes do médico Jaime Gold e dos jovens Gilson dos Santos e Wanderson Martins**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

FONTANA, Mônica. **Os limites entre fato e ficção: jornalismo literário em perspectiva**. Anais do Evento PG Letras 30 Anos, 2013.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

GONÇALVES, Ana. NASCIMENTO, Denise. **Favela, espaço e sujeito: uma relação conflituosa**. Minas Gerais: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011.

IJUIM, Jorge. **Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas**. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

LÜERSEN, Angelica. BRAGHINI, Kéliana. **A arte de contar histórias: jornalismo humanizado na revista Piauí**. Santa Catarina: Universidade Comunitária de Chapecó, 2014.

OBSERVATÓRIO DE FAVELAS. **Comunicação e democracia nas favelas e espaços populares levantamento de mídia alternativa**. Rio de Janeiro: 2019.

PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito**. Rio de Janeiro: UFF,

ROCHA, Daniella. **Imprensa e Favelas, Representações e Políticas**. Rio de Janeiro: FGV, 2016.

TASCHNER, Suzana. BÓGUS, Lucia. **O caleidoscópio urbano**. São Paulo: Perspec, 2001.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Editora Insular, 2013.

VILLAÇA, Flávio. **São Paulo: segregação urbana e desigualdade**. São Paulo: Estudos Avançados, 2011.

ANEXOS

I - <http://desigualdade-social.info/>

II - <http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/view/11904/9462>



III - Fundação Gol de Letra. **Relatório anual 2013**. Disponível em: < https://goldeletra.org.br/_pdf/RA2013_FGDL.pdf > Acesso em: 19 set. 2019.

IV - IBGE. **Censo Demográfico**. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9673&t=sobre> > Acesso em: 23 set. 2019.

V - OXFAM BRASIL. **País Estagnado**. São Paulo: 2019. Disponível em: < <https://oxfam.org.br/publicacao/pais-estagnado/> > Acesso em 23 set. 2019.

APÊNDICE - AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

I

AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, Amaivaldo Barbosa Silva, portador do RG Nº 57.533.523.2 e CPF Nº 493.67161549, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 10 de 09 de 2019

Amaivaldo Barbosa S.
Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

CCL – Centro de Comunicação e Letras
Rua Piauí, 143 – 2 andar – CEP: 01241-001 – Higienópolis – São Paulo – SP
ccl@mackenzie.br – www.mackenzie.br – Fones: 2114-8320 / 8111 / 8736

II



AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, Tatiana de Oliveira Silva, portador do RG Nº 41-859-934-8 e CPF Nº 349-348-468-24, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 01 de outubro de 2019.

Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

III



AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, Daniel Sechinato, portador do RG N° 27419701-7 e CPF N° 339032338-46, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 11 de 09 de 2019.

Daniel Sechinato

Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

IV



AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, Manda Rainão Evangelista -, portador do RG N° 62.369.835-3 e CPF N° 073-499-395-76, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 11 de 09 de 2019

[Assinatura]
Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

V



AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, Renata Deiko, portador do RG Nº 44719700-9 e CPF Nº 366894998-04, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 01 de Outubro de 2019.

Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

VI



AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, Fabrizio Brito dos Santos, portador do RG Nº 45.281.976-0 e CPF Nº 339.460.458-20, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 01 de Outubro de 2015

Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

VII



AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, Daniela M. de Jesus, portador do RG Nº 44327 655-9 e CPF Nº 332 124 16940, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 01 de Outubro de 2019.

Daniela M. de Jesus

Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

VIII

ANEXO 6: AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO (FONTES)

AUTORIZAÇÃO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO	
<p>Eu, <u>Jessica Jorge da Silva</u>, portador do RG nº <u>30.805.348-5</u> e CPF nº <u>425.176.958-76</u>, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.</p> <p>Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.</p> <p>São Paulo, <u>20</u> de <u>03</u> de <u>19</u>.</p> <p>Eu <u>Jessica Jorge da Silva</u> mãe do <u>Diegoilson Santos</u> <u>Aguiar Junior</u> a participar</p> <p><u>[Assinatura]</u> Cedente</p> <p><u>Jessica Jorge da Silva</u> Pai ou responsável (se for o caso)</p> <p>Testemunhas: <u>Andressa Esteves Malheiro</u></p>	